

Leslie Allen, Lamentações, Sessão 13, Lamentações 5: 8-16

© 2024 Leslie Allen e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Leslie Allen em seu ensinamento sobre o livro de Lamentações. Esta é a sessão 13, Lamentações 5:8-16.

Em nosso vídeo anterior, começamos com o capítulo 5 de Lamentações e vimos como foi o clímax do livro, o clímax daquela liturgia de luto, e como, finalmente, a comunidade respondeu em resposta ao apelo de ambos. o mentor e esse modelo, Sião.

O mentor primeiro incentivou Sião a orar, e depois Sião orou não apenas por si mesmo, mas também em nome da congregação. O mentor também orou duas vezes no capítulo 3. Ele contou-lhe as orações anteriores e deu uma orientação explícita à comunidade de que seria a sua vez de orar. Tivemos que esperar muito tempo, mas finalmente a resposta chegou e a congregação trouxe sua própria oração.

Eles aprenderam muito e incorporaram muito do que seu mentor e Sião têm dito. E chegamos a um ponto de viragem, não, infelizmente, podemos pensar, a um encerramento, mas por vezes o encerramento demora muito mais tempo. Mas aqui está um ponto de viragem, e embora estejam com tanta dor como sempre, objectiva e subjectivamente sentem muita dor, e ainda assim podem olhar para frente.

E esta expectativa é expressa pelo sentimento que sentem de que podem entregar-se a uma oração ao próprio Deus, uma oração para que as coisas mudem para melhor. Estávamos olhando os versículos 1 a 7 e dizendo que era a primeira seção desta oração, e vimos aqueles pedidos de ajuda naquele primeiro versículo, e vimos uma longa seção de expressão de pesar, e na verdade de sofrimento, pela perda de liberdades a que estavam habituados no passado e que consideravam normais, mas agora viviam num país ocupado. E é esta situação do pós-guerra que ocupa as suas mentes durante grande parte desta oração, em vez de olharem para trás com dor, para o que tinha acontecido antes, na invasão dos Babilónios, e no cerco de Jerusalém durante 18 longos meses, e depois a captura de Jerusalém.

Decidimos que os versículos 1 a 7 eram a primeira seção por causa daquele versículo final com a menção do pecado, e dissemos que encontraríamos um paralelo no versículo 16. Mas não é a mesma coisa, porque no versículo 7, estamos olhando para trás. ao pecado dos ancestrais; no versículo 16, serão nossos próprios pecados que serão o foco da atenção. Dissemos que há uma triste tendência entre alguns comentadores para verem um contraste e mesmo uma contradição, que ora se diz uma coisa e ora se diz outra coisa, e estávamos a tentar dizer que não é assim.

Mas o argumento a favor da contradição que vimos baseava-se em Ezequiel 18 :2, o ressentimento daqueles exilados babilônicos. Nossos antepassados pecaram e, no entanto, estamos sofrendo o castigo deles. E superficialmente, parece um pouco assim.

Mas não, não é assim. A linha adotada aqui, que analisa tanto o pecado anterior nas gerações anteriores quanto o pecado atual na geração atual, está muito alinhada com aquela história épica de Josué até Reis, que traçou uma longa história de pecado, que infelizmente levou até o fim do Reino do Norte e depois o fim do Reino do Sul. Mas junto com isso, não há nenhuma sugestão de que a geração final fosse santa e fosse bastante diferente de seus antecessores.

Não, eles eram igualmente pecadores. Vimos um versículo nos Salmos que combinava essas duas ideias dos pecados da geração atual e dos pecados das gerações anteriores. E é isso que vimos os versículos 6 e 7 dizerem.

E o que quero fazer agora é apenas ampliar o que eu estava dizendo ali com outro versículo dos Salmos. E está no Salmo 106, e está no versículo 6. Então, vamos apenas dar uma olhada nisso. E o que isso diz? Salmo 106 e versículo 6. Tanto nós como nossos antepassados pecamos.

Cometemos iniquidade. Nós agimos perversamente. E assim, há o pecado passado e o pecado presente combinados em um versículo.

Enquanto aqui em Lamentações 7 e 16, está dividido em dois versículos. E então, eu precisava deixar isso claro antes de prosseguirmos. Passamos agora para a nossa segunda seção desta oração, versículos 8 a 16.

Divide-se em assédio geral que o povo como um todo sofreu, assédio particular que diferentes grupos da população sofreram e uma expressão de pesar geral.

Por fim, uma confissão no que diz respeito à geração atual, que coincide e faz paralelo e é necessária depois daquela confissão intergeracional que vimos nos versículos 6 e 7. E muito, temos os nossos três caminhos, as nossas três trajetórias aqui de queixa, sim, e então tristeza, sim, e finalmente, no versículo 16, culpa. E tudo isso, é claro, continua a expor essa desgraça no versículo 1, esse sentimento subjetivo, essa humilhação, esse sofrimento secundário que vem e vai junto com o sofrimento objetivo. E a intenção geral ainda é suscitar a compaixão de Deus.

E tudo está olhando para esse apelo. Lembre-se, versículo 1, não ignore. Olhe e veja nossa desgraça.

Esses versículos continuam a ter um papel persuasivo na definição dessa desgraça e no apelo à compaixão de Deus. E em grande parte, temos assédio. A maior parte desta secção é dedicada ao assédio por queixa, a queixa que está ligada ao assédio.

E vimos no geral da última vez que o gênero é o de um lamento fúnebre, mas um estranho lamento fúnebre que é dirigido a Deus depois daquela oração direta do versículo 1. E assim, no versículo 8, encontramos essa queixa. Os escravos governam sobre nós. Não há ninguém que nos livre das suas mãos.

E este é um país ocupado. E havia pessoas, estrangeiros, soldados estrangeiros e administradores, que estavam em posições inferiores na cadeia de comando, mas tinham o poder de dar ordens que deviam ser obedecidas. E esses funcionários menores são desdenhosamente chamados de escravos.

E não há oportunidade de apresentar queixas oficiais porque são os funcionários. E uma reclamação não os levaria a lugar nenhum. Culturalmente, isto é uma inversão da ordem social adequada, que encontramos exposta no Antigo Testamento em diversas passagens.

Por exemplo, em Provérbios capítulo 30 e versículos 21 a 23: Sob três coisas a terra treme, e sob quatro ela não pode suportar. Um escravo quando se torna rei, um tolo quando está farto de comida, uma mulher não amada quando consegue um marido e uma empregada doméstica quando sucede à sua amante.

Em dois desses casos, temos uma espécie de paralelo com a situação aqui: um escravo quando se torna rei e uma donzela quando ela sucede à sua senhora. E há problemas no horizonte sempre que isso acontece, reclama o capítulo 30 de Provérbios.

E então temos isso também em um texto profético em Isaías capítulo 3 e versículo 4. Há uma ameaça de punição e parte dessa ameaça em Isaías 3-4, farei dos meninos seus príncipes e os bebês os dominarão. Nossa, que tipo de regra ruim isso vai acabar sendo. Mas aí está a derrubada da ordem social normal e das distinções sociais que não estão mais em vigor.

Encontramos isso também em Eclesiastes capítulo 10 e versículo 16. Eclesiastes 10-16. Ai de você, ó terra, quando seu rei é um servo.

Quando o seu rei é um servo, ou pode ser uma criança, a mesma palavra hebraica, pode ocorrer de qualquer maneira. Ai de você, ó terra, quando seu rei é um servo ou uma criança. E na cultura israelita havia uma grande distinção de classe.

E muito um sentimento sobre o que era adequado e o que era impróprio. E então aqui estava uma situação imprópria que as pessoas estavam sofrendo. Os escravos governam sobre nós; não há ninguém que nos livre das suas mãos.

E então o versículo 9, outro problema que a comunidade como um todo está enfrentando. Esta seção tem nós e nossos, e nós a percorremos. E assim, obtemos nosso pão com perigo de vida por causa da espada no deserto.

Qual é a espada? A espada no deserto. Acho que uma boa pista é ver como esse substantivo é usado no livro de Jeremias. Repetidamente, esse livro se refere à espada.

E está olhando para o futuro, para o castigo que Deus trará através dos babilônios. E assim, parece ser uma espada babilônica em vista. Mas esta espada está no deserto e, como resultado, obtemos nosso pão com risco de vida.

A situação parecia ser que as famílias que viviam nas cidades teriam os seus campos abertos fora das cidades e as suas colheitas seriam feitas nos seus campos. Mas o problema era que corriam o risco de serem atacados por um destacamento de tropas estrangeiras que marchava para novas missões.

E eles poderiam cair sobre eles e prejudicá-los, bem como roubar as colheitas. E então havia esse problema específico: era arriscado sair e tentar colher seus campos fora das cidades por causa da espada no deserto.

E então os versículos 9 e 10 parecem andar juntos porque o versículo 10 parece ser uma consequência do que aconteceu, desse risco. Eles não querem arriscar, então não o fazem. Quem irá para os campos e colherá essas colheitas se você corre o risco de não voltar, mas de ser morto ou talvez ferido? E assim segue no versículo 10.

E aqui está uma tradução um pouco incerta que precisamos analisar. Nossa pele é negra como um forno devido ao calor escaldante da fome. E é essa questão de ser negro e essa questão do calor escaldante.

Porque se olharmos para a Nova Versão Internacional, a nossa pele está quente como um forno, febril de fome. E isso combina muito bem. Um problema básico com esse verbo traduzido para preto é que o hebraico tem homônimos, como acontece com a maioria das línguas.

A maioria das línguas desenvolvidas, que captam elementos de outras línguas e de formas anteriores de falar, têm homônimos. Portanto, podemos falar da casca de um cachorro e sabemos que é bem diferente da casca de uma árvore.

Mas aí estamos, são homônimos, mas são palavras bem distintas e significam coisas diferentes. E este verbo em particular, sim, pode significar ser preto. E sim, isso caberia em um forno com queima e depósitos pretos.

Sim, isso serviria perfeitamente. Mas, além disso, há outro verbo que significa ser gostoso. E isso geralmente é preferido.

E assim, a VNI mais recente, mais recente que a R9-RSV, aproveita um estudo recente, de fato, na busca pelo calor. E assim, nossa pele fica quente como um forno. E o que é esse calor? Bem, é baseado fisicamente.

É de febre, febril de fome. E esse calor escaldante parece ser uma referência à febre por aqui. Então, como esses versículos se encaixam? Bem, os agricultores e as suas famílias que os ajudavam não iam para os campos por causa do perigo, do perigo militar.

E então, eles estavam hospedados nas cidades. Mas havia escassez de alimentos, fome e desnutrição. E assim surgiram doenças e enfermidades, e eles acabaram com febre por causa da desnutrição.

E aí estamos. Esse parece ser o caminho que precisamos seguir neste versículo em particular. E vemos isso como uma consequência do versículo 9. Bem, agora, até agora, nas seções 8 a 10, fala-se muito de assédio geral porque esta pequena seção é marcada por nós e nosso e nós no versículo 8, versículo 9, e versículo 10.

Mas agora há uma diferença. Passámos agora para uma subsecção diferente, especialmente no que diz respeito ao assédio, no que diz respeito a determinados grupos. E deixamos para trás a generalidade que tínhamos antes de nós, nós e nossos, e voltamos a pensar em grupos específicos que estavam sofrendo nesta situação pós-exílica de ocupação, abusos particulares que foram causados pelas forças ocupantes e impostos sobre os judeus que foram deixados para trás e não exilados na Babilônia.

E no versículo 11, são crimes sexuais que foram cometidos não apenas em Jerusalém, mas também em outras cidades de Judá. Mulheres são estupradas em Sião e virgens nas cidades de Judá. Infelizmente, este é muitas vezes o destino das mulheres, na sequência da captura e ocupação de uma área por tropas estrangeiras.

A NVI, um pouco mais geral, mas com a mesma implicação, mulheres foram violadas em Sião, em virgens nas cidades de Judá. Bem, deixe-me lembrá-lo de que isso remete ao que o mentor estava falando e ao que o perturbou particularmente, você se lembra, no final daquele pequeno solilóquio no capítulo 3. O que vejo traz tristeza à minha alma por causa de todos os mulheres da minha cidade. Mas agora, nesta oração coletiva, o que ele quer dizer fica claro.

A NRSV é muito explícita com o verbo estuprar. E o verbo hebraico significa isso, mas não diz isso explicitamente. E assim, estamos em terreno um pouco melhor quando a NVI diz violada.

Mas é abuso sexual, agressão sexual, o que se refere aqui. E a NRSV não está errada, mas talvez seja um pouco direta demais. E aí estamos.

Existe essa experiência terrível. E mais uma vez, os homens que poderiam proteger as suas mulheres, e que esperavam proteger as suas mulheres, já não o podiam fazer. E eles estavam simplesmente indefesos.

E assim, numa sociedade dominada pelos homens, isto era ainda mais problemático do que numa sociedade igualitária, poder-se-ia dizer. E então, no versículo 12, os príncipes são pendurados pelas mãos. Nenhum respeito é mostrado aos mais velhos.

E aqui estamos. Ex-líderes da Judéia são enforcados para humilhá-los. Isto não é uma referência a enforcamento ou execução, mas eles estão enforcados e suas mãos estão amarradas a alguma estrutura, a um poste, a uma árvore ou algo assim.

E aí estão eles. Há um exemplo. Seus altos e poderosos governantes, olhem para eles, olhem para eles.

Mas é uma grande humilhação que eles estejam amarrados dessa maneira. E isso é feito num gesto de zombaria. De modo mais geral, nenhum respeito é demonstrado pelos mais velhos.

A cidade e as vilas geralmente eram governadas por um conselho de anciãos. E todos os admirariam, não só por causa do respeito pelos idosos, que era uma parte importante da estrutura social em Israel, mas porque eles eram os líderes, e alguém os admirava pela sua sabedoria, pela sua experiência e seu sábio governo sobre o que acontecia nas cidades. E então, aqui novamente, há esta negação, este corte das convenções sociais, e tudo fica de cabeça para baixo nesta situação.

E então, no versículo 13, outra dessas queixas sociais. Os jovens eram obrigados a fazer trabalho feminino ou mesmo trabalho escravo, no primeiro caso no que diz respeito à alimentação. Os jovens são obrigados a trabalhar duro.

E os jovens não trabalharam. Os jovens fizeram muitas coisas boas, mas não trabalharam duro. Moer refere-se à tarefa diária geralmente das donas de casa que pegavam seus grãos de cevada ou trigo e os trituravam entre pedras, pedras semelhantes a rodas, todas as manhãs para transformar esses grãos em farinha a fim de fazer o pão para aquele dia.

O pão nosso de cada dia, como menciona o Pai Nosso, o pão de cada dia era feito porque logo ficava muito difícil de comer e as bactérias podiam atacá-lo. Assim se fazia o pão de cada dia e eram as donas de casa que tinham esse papel. E podemos olhar para um texto do Novo Testamento, de fato, e descobrir que isso é revelado.

Lucas 17 e versículo 35, fala sobre uma divisão que deve ser feita. Haverá duas mulheres moendo refeição juntas. Um será levado e o outro deixado.

Duas mulheres moendo refeição juntas. Também o encontramos em vários textos do Antigo Testamento. Em 47, encontramos um oráculo de julgamento contra a Babilônia.

E a Babilônia é personificada como uma rainha, uma rainha do império. Mas a ordem é dada por Deus: pegue as mós e moa a farinha. Pegue as mós e moa a farinha.

E isso é uma grande queda, uma degradação para alguém de posição real. E então também podemos, sim, acho que esses versículos são suficientes para olharmos. Mas também poderia ser feito por escravos.

Se a família fosse grande o suficiente, então haveria escravos na casa, e eles teriam esse trabalho se a esposa e o marido ocupassem posição elevada em uma casa grande. E assim, encontramos, por exemplo, em Êxodo 11 e versículo 5, quando Moisés transmite esse veredicto contra Faraó e contra o Egito. Todo primogênito na terra do Egito morrerá, desde o primogênito do Faraó, que está sentado no seu trono, até o primogênito da escrava que trabalha no moinho manual.

E aí estamos, às vezes haveria escravos. Mas não era algo que os homens fariam. E os jovens torciam o nariz ao pensar que deveriam moer esses grãos em farinha para fazer pão.

E então, é considerado muito humilhante. E assim as convenções sociais são muito importantes em todas as culturas. E então os meninos cambaleiam sob montes de madeira.

Mencionamos a madeira no versículo 4. A madeira que obtemos deve ser comprada. E você precisava de lenha para acender o fogo para que a comida pudesse ser cozida. E então havia essas cargas de madeira e meninos que não eram fortes o suficiente para suportar essas grandes cargas.

Eles foram forçados a carregar esse peso além de sua capacidade física. E então, isso, novamente, é uma questão de reclamação. E assim, de todas as maneiras, havia essa queixa contra essa potência estrangeira que lhes causava tanta dor e sofrimento.

Depois, 14. Os velhos deixaram a porta da cidade, os jovens, a sua música.

Variação na NVI. Os anciãos saíram do portão da cidade. Os jovens pararam a música.

Primeiro, temos que perceber que dentro do portão da cidade, como acho que já mencionei antes, haveria uma praça. Seria uma praça pública onde as pessoas pudessem se reunir. Nos dias de mercado, os agricultores traziam os seus produtos.

E logo após o portão da cidade, haveria o mercado. E essa é a situação geral. Mas temos que olhar um pouco mais de perto para aquele portão porque na verdade era uma portaria com paredes de cada lado.

Uma portaria com, na verdade, uma sala com portões em cada extremidade e assentos fornecidos nesta portaria. Então essa é a situação. Mas quem estava sentado nesta portaria? Na NRSV são os velhos.

A vantagem disso é que é o oposto direto dos jovens. E então, parece se encaixar muito bem. Mas, contra isso, acho que há uma preferência a ser dada à nova versão internacional.

Os anciãos saíram do portão da cidade porque o portão da cidade era especialmente onde o conselho de anciãos se reunia e eles se sentavam dia após dia para discutir assuntos da vila ou cidade. E as pessoas poderiam vir conversar com eles e falar sobre reclamações que pudessem ter e que precisassem ser corrigidas. E então, era a câmara do conselho.

Esta portaria era a câmara do conselho. E temos uma ilustração disso em Rute, o livro de Rute, onde Boaz, encontramos, vai tentar resolver esta questão da redenção para Rute e sua sogra. E ele vai até o portão da cidade.

E ele sentou-se ali perto do parente mais próximo, este parente. E esse parece ser um lugar onde os mais velhos se encontrariam. E ele o encontra lá.

Tudo bem. E então, anciãos, esta parece ser a tradução correta aqui. Porque eles não estavam mais oficializando.

Eles não eram os funcionários. Eles perderam seus empregos. Eles eram o tipo de pessoas que estavam sendo enforcadas, esses líderes de cidades e cidades.

E eles perderam seu poder civil. E um grande desrespeito, novamente, é demonstrado a essas pessoas. Mas contra isso, os jovens abandonaram a sua música.

Nesta praça pública, oportunidade para os jovens se reunirem e fazerem música para entretenimento, entretendo-se e entretendo o público que ali se encontrava naquela

praça adjacente à porta da cidade. E eles não estavam mais fazendo música. Bem, o que esses jovens estavam fazendo? Bem, acabamos de ser informados.

Eles estavam moendo. Eles receberam trabalho para fazer. E a vida era só trabalho e nada de diversão.

E eles estavam trabalhando arduamente, como no versículo 13. E não tiveram folga, nem folga. Então, depois do expediente, depois do seu dia de trabalho, os rapazes vinham, se reuniam e tocavam música.

Você pode imaginar isso com muita facilidade. Mas agora isso parou porque não havia tempo para isso. Havia trabalho a ser feito, disseram as autoridades ocupantes.

E assim, esta prática normal cessou. E então, no versículo 15, chegamos novamente a uma generalização. E você recebe a menção do luto geral.

E 15 e a primeira linha do versículo 16 andam juntos. A alegria de nossos corações cessou. Nossa dança se transformou em luto.

A coroa caiu da nossa cabeça. E essa expressão de entretenimento e de jovens alegres que se encontram e fazem música é agora generalizada, dizendo, bem, ninguém está mais feliz na nossa situação actual. E há esta generalização do luto neste momento.

Houve queixas até agora nesta seção, mas agora há tristeza positiva. A alegria de nossos corações cessou. Nossa dança se transformou em luto.

A coroa caiu da nossa cabeça. E assim, esta expressão de pesar é uma inversão acontecendo. De certa forma, todas essas queixas foram reversões, mas muito com a ideia de queixa.

Mas agora, mais particularmente, é o pesar que está em mente. E poderíamos comparar um salmo, um salmo de ação de graças, o Salmo 30, onde o salmista esteve falando. Ele teve uma crise, mas levou a crise a Deus.

E a crise foi superada e ele volta com um cântico de agradecimento. E ele está pronto para trazer sua oferta de agradecimento e adorar a Deus e louvá-lo pelo que Deus fez. E isso está resumido no versículo 11 do capítulo 30 desta forma.

Você transformou meu luto em dança. Você tirou meu saco e me vestiu de alegria. Este é mais um caso em que os Salmos, não apenas lamentos fúnebres, mas os salmos podem falar de comportamento e costumes de luto em conexão com a sua crise particular.

Você transformou meu luto em dança, tirou meu saco e me vestiu de alegria. E ele está grato a Deus e diz: foi você, Deus, quem me livrou desta crise, e estou muito grato. Mas temos o inverso aqui.

A alegria de nossos corações cessou. Nossa dança se transformou em luto. E então a coroa caiu da nossa cabeça.

Bem, alguns comentaristas dizem, ah, a coroa? Bem, isso parece real, e já tivemos referências reais antes. Parte da perda foi a tradição de uma monarquia davídica, e agora desapareceu. E então isso caberia.

Mas, é claro, temos que olhar para o contexto imediato. E a coroa é usada de uma forma diferente aqui. A palavra é mais ampla que uma coroa real.

E às vezes pode referir-se a uma guirlanda de flores e folhas como sinal de festividade. E há um exemplo disso no livro de Isaías, Isaías 28, onde o profeta fala contra os líderes do reino do norte. E ele está dizendo que houve desgoverno.

E parte desse desgoverno é que eles passam o tempo em festas barulhentas e ficam bêbados. E eles usam essas guirlandas. E o que Isaías quer dizer é que essas guirlandas vão cair como um sinal de que a festa vai acabar.

Ah, a orgulhosa guirlanda dos bêbados de Efraim e a flor murcha de sua gloriosa beleza, que está na cabeça daqueles que estão inchados com comida rica, daqueles vencidos pelo vinho. Veja, o Senhor tem alguém que é poderoso e forte. E assim, os versículos 3 e 4, pisoteados, serão a orgulhosa guirlanda dos bêbados de Efraim e a flor murcha de sua gloriosa beleza.

E então, aí está. Esta parece ser a referência aqui. E então, aquela guirlanda que acompanhava a festa, acompanhava a festa e a alegria no sentido inocente, e no bom sentido, caiu da nossa cabeça.

A guirlanda caiu. Esta é uma forma impressionante de ilustrar como a alegria dos nossos corações cessou e a nossa dança se transformou em luto. Mas então, naquela última linha, naquela última meia linha do versículo 16, há uma mudança da mágoa e da tristeza para a culpa.

Voltamos a esta conclusão do versículo 7, mas agora expressa de uma maneira diferente: Ai de nós que pecamos. E essa culpa que surge lembra muito o que o mentor estava dizendo: Eles devem reconhecer sua culpa diante de Deus.

Eles fazem isso nesses pontos culminantes, versículo 7 e versículo 16. E o que está sendo dito aqui é que esta é a causa raiz de todo esse sofrimento. O nosso problema não é simplesmente a ocupação estrangeira.

Não é apenas um problema humano, mas devemos olhar para trás e ver isto como o castigo de Yahweh pelo pecado de Judas. Há providência divina aqui e sabemos a causa disso. E a causa está em nós, em nossas próprias vidas.

E então, isto é tão impressionante, esta referência final à culpa aqui – ai de nós. Sim, estamos sofrendo, mas a causa raiz desse sofrimento é culpa nossa.

Pecamos e por isso a responsabilidade recai sobre nós. Então, há aquela admissão franca no final de todas essas notas de queixa e pesar. Chegamos ao fundamento de tudo, e é um fundamento divino, e é a questão do relacionamento deles com Deus.

E assim, a mensagem aqui é que a congregação percebeu o que o mentor lhes disse. Uma resposta adequada à situação do pós-guerra como uma resposta adequada à situação de cerco não é apenas a queixa e a dor, mas também a culpa. E há aqui este elemento penitencial de confissão de que a congregação está assumindo a responsabilidade neste momento.

E deve ter sido maravilhoso para o mentor ouvir isso, porque estamos voltando à questão da interpretação desta catástrofe, de todo esse desastre. Isso percorre todo o livro, e o mentor interpretou isso em 1:5 e 1:8, e então Sião iniciou esse clamor, essa acusação que é conhecida como verdadeira em 1:18 e 1:20. Sião voltou a isso novamente em 2:14, e então temos o chamado do mentor ao arrependimento no capítulo 3 e nos versículos 40 a 42. E assim, ao examinarmos o livro, vemos que este é realmente um clímax.

Também no capítulo 4, temos essas notas de interpretação sinistra ao longo do capítulo. O versículo 6 afirma que o castigo do meu povo, diz o mentor, foi maior que o castigo de Sodoma. Subjacente a isso está que Yahweh é responsável em ambos os casos.

E temos o versículo 13 do capítulo 4: foi pelos pecados dos seus profetas e pelas iniquidades dos sacerdotes que tudo isso caiu sobre a comunidade. E por último, há uma referência ao castigo no versículo 22 numa expressão de esperança para o futuro, fim do castigo, fim do castigo. Mas para que isso aconteça, a congregação que está ouvindo sabe muito bem que precisa fazer a sua parte e reconhecer o pecado que está por trás dessa punição.

E eles fazem isso dessa forma intergeracional nos versículos 6 e 7, e agora diretamente no que nos diz respeito, esta confissão direta, ai de nós, porque pecamos. Na próxima vez, veremos os versículos finais, versículos 17 a 22 de Lamentações 5.

Este é o Dr. Leslie Allen em seu ensinamento sobre o livro de Lamentações. Esta é a

sessão 13, Lamentações 5 :8-16.